

‘STAMOS EM PLENO MAR’! Reflexões sobre tempos de pandemia Covid-19, considerando a trama de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos

"Estamos en el mar lleno"

*Reflexiones sobre tiempos de pandemia Covid-19, considerando
la red de ecosistemas subjetivos turístico-comunicacionales*

‘We are in the Full Sea’!

*Reflections on pandemic times Covid-19, considering
the web of subjective tourist-communicational ecosystems*

Maria Luiza Cardinale Baptista¹

Resumo: O ensaio apresenta reflexões sobre sinalizadores contemporâneos, ampliados no cenário da Pandemia do Covid-19, considerando a trama de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos. Tem como base estudos realizados no Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, em perspectiva transdisciplinar e holística, de dimensão epistemológico-teórica complexa e ecossistêmica. A Pandemia do Covid-19 fez emergir a necessidade de ampliação de consciência planetária, no sentido de redirecionamento das ações individuais e coletivas. O mar de adoecimento e mortes coletivas exige novos olhares, mais amorosos e éticos, por múltiplas janelas existenciais: os olhos, as telas, os múltiplos prismas da vida, da Ciência. Buscam-se modos de ‘sobre-vivência’ na Grande Viagem.

Palavras-chave: Turismo; Comunicação; Pandemia Covid 19; Amorcomtur!

Resumen: El ensayo presenta reflexiones sobre signos contemporâneos, ampliados en el escenario de la pandemia de Covid-19, considerando la red de ecosistemas turísticos-comunicativos-subjetivos. Se basa en estudios realizados en Amorcomtur! Grupo de Estudios en Comunicación, Turismo, Amorosidad y Autopoiesis (UCS), en una perspectiva transdisciplinaria y holística, con una dimensión epistemológica-teórica compleja y ecossistêmica. La pandemia de Covid-19 provocó la necesidad de expandir la conciencia planetaria, en el sentido de redirigir las acciones individuales y colectivas. El mar de enfermedades y muertes colectivas exige nuevas visiones, más amorosas y éticas, a través de múltiples ventanas existenciais: los ojos, las pantallas, los múltiples prismas de la vida, de la Ciencia. Buscamos formas de ‘sobrevivir’ en el Gran Viaje.

Palabras clave: Turismo; Comunicación; Pandemia Covid 19; Amorcomtur.

¹ Doutora em Ciências da Comunicação (USP), professora de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (UCS). Pós-doutoranda e Professora colaboradora da Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia (UFAM). Coordenadora do Amorcomtur! Grupo de Estudos e Produção em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq-UCS). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ecossistemas Comunicacionais e as Tecnologias da Inteligência (ECOEM). Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Centro de Formação em Desenvolvimento Territorial (CFDT), Campus Paulo Freire (CPF), Teixeira de Freitas - BA! Integrante do Ecomsul: Epistemologias e Práticas Emergentes e Transformadoras em Comunicação, Mídias e Cultura, (UFRN). Jornalista (UFRGS). Diretora da empresa Pazza Comunicazione. Brasil.

Abstract: The essay presents reflections on contemporary signs, expanded in the scenario of the Covid-19 Pandemic, considering the web of subjective tourist-communicational ecosystems. It is based on studies carried out at Amorcomtur! Study Group on Communication, Tourism, Lovingness and Autopoiesis, in a transdisciplinary and holistic perspective, with a complex and ecosystemic epistemological-theoretical dimension. The Covid-19 Pandemic brought about the need to expand planetary awareness, in the sense of redirecting individual and collective actions. The sea of illness and collective deaths demands new, more loving and ethical views, through multiple existential windows: the eyes, the screens, the multiple prisms of life, of Science. We look for ways of 'over-living' in the Great Journey.

Keywords: Tourism; Communication; Pandemia Covid 19; Amorcomtur!

RAJADAS INICIAIS EM TEMPOS DE MARES BRAVIOS

Nos últimos anos, um poema tem sido recorrente, durante os Encontros Caóticos Amorcomtur!, pela percepção da força dos ventos, das rajadas contemporâneas que demonstram a emergência de reflexões sobre a potência de acontecimentos, que colocam a vida em suspenso, que evidenciam o risco de morte coletiva, a dificuldade de dar conta, de sobrevivência à intensidade dos movimentos involuntários, provocados pelas embarcações maiores da grande engrenagem maquina coletiva. O poema de Castro Alves, O Navio Negreiro, por alguma razão, brotou em mim, em vários dos nossos encontros, em momentos diferentes. Assim, eu dizia: “Pensem! Estamos todos, de novo, como humanidade, em uma grande embarcação, em meio a mares bravios, rajadas de tempestades. Não sabemos ao certo o rumo dos acontecimentos dessa embarcação planetária. Sabemos que a viagem é desafiadora! Nossa única chance de sobrevivência, como planeta e como sujeitos singulares, é o entrelaçamento, o cuidado mútuo, estender a mão a quem está próximo, encher o peito de ar e firmar as bases. Estamos juntos! Somos Amorcomtur!. Segue um trecho do poema:

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.
'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro...
'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...
'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...
Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?

Neste saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.
Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!
Embaixo — o mar em cima — o firmamento...

Stamos em pleno mar! Há muitos anos o verso me persegue. Nos anos recentes, está em meus pensamentos recorrentes, quando penso nas agruras do cotidiano, quando reflito sobre a humanidade, quando assisto ao noticiário, quando mergulho em pensamentos sobre absurdidades e extrapolações contemporâneas. “Stamos em pleno mar, acima de nós o firmamento, abaixo a amplidão do oceano. No horizonte, qual de dois é qual?”, eu venho repetindo em meus pensamentos. É uma releitura de alguns dos versos do poema, que me ajudam a dizer que somos nós os escravos contemporâneos, em meio às grandes travessias, aos processos de desterritorializações todos. Somos todos peregrinos, em naus balançando sob a rajada dos ventos, prestes a naufragar!

Ano 2020. Nos meses iniciais, começam a surgir notícias de um vírus, de longe, identificado inicialmente na China, que provocava uma doença, uma espécie de gripe (mas não é apenas uma gripe, já sabemos!), que se espalhava rapidamente. Assim, também, rapidamente se espalharam as notícias, na grande engrenagem midiática planetária, e dia a dia, fomos tomados pela percepção de uma onda viral, sem controle, que se dissipava e matava. Uma maré de morte e tristeza, estonteando políticos, cientistas, administradores, lideranças de toda ordem.

Não, espera! Não pode ser! O mundo se desenvolveu. A Ciência se desenvolveu. A tecnologia se desenvolveu. Alguém ou alguma coisa há de parar esse vírus! Não parou, não deu. Não foi isso que aconteceu, e o vírus se espalhou pelo mundo todo, praticamente, rompendo as fronteiras, viajando pelos mais diferentes transportes, inventados durante os séculos de descobertas científicas. O vírus invisível, do nível das minúsculas partículas do mundo que ainda tem sido desconsiderado por alguns cientistas, não foi contido, no início de sua grande expansão e, por isso, o mundo literalmente parou!

A orientação da Organização Mundial da Saúde passou a ser o distanciamento social, no sentido de que o máximo possível de pessoas voltasse para suas casas e ficasse ali mesmo, isolado, distanciado, para evitar a ampliação de contágio e o colapso dos sistemas de saúde, planejados para atender à população, em tempos de uma suposta normalidade – conceito, diga-se de passagem, absolutamente questionável e compreendido mais que nunca como uma falácia, como um grande engano planetário. Restou, nesse sentido, a solicitação: “Defina normal!”. Será, mesmo, que vivíamos tempos de normalidade, antes da Pandemia do Covid 19? Penso que não.

RECUO NO TEMPO

O ponto em que chegamos, nessa grande nau planetária, tem uma história. Claro, é a história mundial de todos os tempos e lugares, mas eu quero destacar, aqui, dois grandes marcos, cujas orientações colaboram grandemente para chegar ao momento dessas grandes turbulências e do risco planetário de ‘fim do mundo’. Revolução Científica e Revolução Industrial são nossos pontos de confluência, lembrando Prigogine (2001) para análise das estruturas dissipativas, derivativas e decorrentes. Vale aqui, nesse sentido, a

expressão inspirada em Regis Debray (1993) “Quando eu recuo no tempo, eu avanço no conhecimento!”.

Convencionou-se chamar de Revolução Científica o conjunto de descobertas, transformações e orientações relativas à Ciência, que ocorreram no final do século XVI e início do século XVII. São representantes e expoentes deste período os cientistas Francis Bacon, Renè Descartes e Isaac Newton, entre outros, como Galileu Galilei, por exemplo. Há sinalizadores gerais da mutação científica decorrente dessa revolução, que se relacionam com a passagem da Metafísica para a Física Mecânica, a passagem da valorização e explicação das coisas a partir de Deus, para a emergência de compreensão de que o Homem teria condições de, através da compreensão dos mecanismos da natureza e de todos os fenômenos, compreender tudo e assim direcionar os acontecimentos, para o progresso da humanidade. Ao que parece, as intenções não eram ruins. Compreender para ajudar a tornar a vida mais possível, viável, no engendramento de mais e melhores condições para se viver, já que se direcionariam os recursos para o desenvolvimento dessas condições. Certo. Tudo interessante ‘em tese’. A questão, como frequentemente ocorre, é o rumo dos acontecimentos e o direcionamento desses pressupostos e descobertas.

Então, vamos aos poucos. Entre os pressupostos, pode-se destacar, a partir de Francis Bacon, o reducionismo, que é a tendência de reduzir as manifestações dos fenômenos ao seu concreto. Seus achados e descobertas científicas foram importantes sim, mas valorizaram o concreto, dando ênfase para a redução da compreensão ao que poderia ser comprovado ‘cientificamente’, a partir de materialidades. Nesse sentido, haveria segurança na Ciência, que seria pautada por métodos rigidamente estruturados, para a apreensão da concretude das manifestações dos fenômenos, nas mais diversas áreas. Em termos práticos, disso derivam protocolos rígidos a serem aplicados nas pesquisas, com forte orientação quantitativa e de demonstração material ‘concreta’ dos fenômenos. Essa tendência se observa na Física, na Biologia, entre outras Ciências e, com o tempo, se espalhou para todas as áreas de conhecimento. Veja bem, não se trata, aqui, de negar a importância das materialidades nos processos, mas de convidar a refletir, especialmente no cenário de Pandemia, para o limite do mundo visível, palpável, concreto, nos rumos dos acontecimentos, em sentido amplo.

Renè Descartes, por sua vez, nos oferece o pressuposto vinculado ao seu nome, o cartesianismo, que orienta para a fragmentação dos fenômenos em suas unidades básicas, de tal modo a compreender cada unidade e, na somatória, compreender o todo. É didático e também passa a ideia de segurança, já que, compreendendo uma parte, outra parte e mais outra, seria possível compreender o todo. Este pressuposto e os eixos cartesianos, verticais e horizontais, como grandes organizadores das expressões da vida, da natureza, da Matemática, das ocorrências todas, são orientações que ajudaram a desenvolver a Ciência, a realizar grandes descobertas, mas, desde o século passado, vêm sendo discutidos como saberes importantes, mas que têm seus limites. Fritjof Capra (1990, 1991, 1997), Roberto Crema (1989) e tantos outros autores ajudam a compreender a mutação da Ciência e a necessidade de ampliação da compreensão para uma perspectiva holística. Boaventura de Sousa Santos (1990, 1997, 2002, 2009) também é uma referência importante, para compreender os limites de uma ciência, que se construiu em um processo de entrelaçamentos com a dimensão socioeconômica e política, gerando abismos entre seres e campos do conhecimento. Assim, na perspectiva Ecosistêmica Complexa, com a qual venho trabalhando a partir de uma trama de trilhas teóricas, entende-se que uma parte não é separada de outra parte, e a soma das partes não é o todo. Os fenômenos precisam ser compreendidos como amplos ecossistemas, sistemas de potência de vida, o que

impossibilita que fiquemos nas partes ou na sua somatória, como estratégia de compreensão dos fenômenos, em si, da vida ou dos ecossistemas – sejam eles turísticos, comunicacionais, subjetivos ou de qualquer universo referencial, na trama complexa de saberes.

Nessa mesma linha de recuo do tempo, cito a contribuição de Isaac Newton, considerado o Pai da Física Mecânica. Pressuposto potente, marca indelével para toda a história da humanidade. A Física Mecânica direcionou a Ciência para a compreensão dos mecanismos repetitivos, inerentes a supostamente todos os fenômenos, com o pressuposto conhecido como mecanicismo. Possibilitou a compreensão de muitos fenômenos, a descoberta e invenção de muitas máquinas e tecnologias, nos mais diversos campos, especialmente relacionados à dimensão de máquina como uma engrenagem de mecanismos engendrados pela junção de peças (concretas), em engates repetitivos, portanto, previsíveis, ou seja, passíveis de serem alterados. Reitero aqui o óbvio: a humanidade viveu a emergência de muitas descobertas, a máquina de fiar, o relógio analógico, automóveis, aviões, a bomba atômica... Isso significa dizer que, ao mesmo tempo em que se reconhece o desenvolvimento, o progresso científico de descobertas maquinicas, entende-se que a lógica evolucionista das descobertas, já há algum tempo, tem nos feito questionar sobre o sucesso da ode ao progresso e da síndrome desenvolvimentista, a qualquer preço, a qualquer custo, principalmente, a todo e qualquer custo – não só de vidas humanas, mas de comprometimento de todo o ecossistema planetário.

Reduccionismo, cartesianismo e mecanicismo, como arcabouços conceituais, fundados em pressupostos epistemológico-teóricos da Revolução Científica foram vetores potentes, feixes sinalizadores dos rumos da humanidade. Compõem sinalizadores do que vivemos na contemporaneidade, ainda que estejam sendo questionados desde o século passado. Na confluência dos três pressupostos, há a evidência de tendência racionalista, do domínio da razão e desejo (arrogância!) de controle da natureza, dos processos, por parte do ser humano (tido como 'o Homem'). Bases para a constituição da tríade questionada por Boaventura de Sousa Santos (1997), no livro *Um Discurso sobre as Ciências* e em tantos outros textos: colonialismo, capitalismo e patriarcado. Assim, na passagem dos séculos, as descobertas foram possibilitando a mudança nos modos de produção e, com isso, passamos da condição de artesãos e produtores em pequenos grupos, constituídos de pessoas próximas, muitas vezes familiares, para a produção que se ampliava potencialmente, pelo surgimento de cada vez mais máquinas, para eliminar o humano da cadeia de produção e 'simplificar' o trabalho. A orientação máxima era diminuir a cadeia produtiva, reduzir custos, agilizar processos. Tudo parecia bem, estaríamos rumo ao tão sonhado progresso, à conquista de novos territórios, mercados, à vitória da humanidade sobre as dificuldades e intempéries. Em todo o canto do planeta, passaram a brotar defensores de processos voltados à busca de eficiência e eficácia no controle dos mecanismos, que movimentassem a grande máquina da produção e, assim, gerasse o progresso e desenvolvimento econômico. Todo e qualquer obstáculo poderia ser dominado, na combinação entre Saber Científico e Tecnologias e Capital. Em tese, seria assim. Aparentemente este era o caminho que estávamos trilhando. Só em tese e aparentemente.

SINALIZADORES DE MUTAÇÕES

O século XX foi um período em que se viu emergir, mais claramente, sinalizadores da mutação da Ciência, que, aliados ao recrudescimento dos processos e consequências

decorrentes do alto desenvolvimento capitalístico tecnológico, desprovido de ética e valores, foram mostrando a emergência de transformações de atitudes - no sentido de ato no todo -, em nível planetário. Infelizmente, essas mudanças não ocorreram, pelo menos não no nível necessário, para escaparmos dessa grande onda de rajadas de morte, que assolou a Terra, Gaia, e os nossos múltiplos 'mundos existenciais', que vimos de desmancharem rapidamente diante dos nossos olhos, das nossas janelas de vida!

Assim, vale lembrar a fala de Capra (1991), em *O Ponto e Mutação*, quando ele afirma, sobre o início de mudanças radicais, nas três primeiras décadas do século XX: "Duas descobertas no campo da física, culminando na teoria da relatividade e na teoria quântica, pulverizavam os principais conceitos da visão de mundo cartesiano e da mecânica newtoniana" (Capra, 1991, p.69). Nesse sentido, o autor afirma que a noção de espaço e tempo absolutos, as partículas sólidas elementares, a substância material fundamental, a natureza estritamente causal dos fenômenos físicos e a descrição objetiva da natureza não puderam ser consideradas nos novos domínios em que a física penetrava.

O que se desencadeou, a partir daí, foi um colapso dos pilares estabelecidos anteriormente, ainda que eles tivessem sido construídos ao longo dos séculos, em bases sólidas e consistentes e representassem – e ainda representam – avanços no conhecimento da humanidade, por longo período, conforme já enfatizei. Os questionamentos advindos começaram a sinalizar para alertas máximos, em nível de planeta, que hoje, com o fenômeno do Novo Coronavírus e a pandemia decorrente, ficam evidentes. Os sinalizadores da mutação passam, em princípio, por questionar os vetores constituidores do edifício da ciência tradicional. Com a Teoria da Relatividade e a Física Quântica, coloca-se em xeque as bases do reducionismo, cartesianismo e mecanicismo, o que desencadeia uma sequência de descobertas que, na composição, ao mesmo tempo contribuem para o avanço e aprimoramento de processos tecnológicos, mas também vai questionando os apegos aos dogmas da Ciência Tradicional. (Capra, 1991)

Desencadeia-se, em função disso, um dilema ético, em relação à Ciência, ao Capitalismo, ao Colonialismo e ao Patriarcado. Eu poderia sintetizar esse dilema, na pergunta: "Contra quem?". Quero dizer com isso que é preciso refletir sobre contra quem o desenvolvimento da Ciência, do Capitalismo, do Colonialismo ou do Patriarcado se produz e quais podem ser as consequências dessas fissuras abissais entre seres e elementos do mesmo ecossistema. Assim, quando a Ciência supervaloriza 'o homem', na arrogância de suposição de controle e dominação de todos os fenômenos, está se autorizando a tomar decisões que possam comprometer os outros 'sujeitos' da composição da teia da vida, os elementos da natureza, como a Floresta, por exemplo, os rios, os mares, a fauna e a flora, a biosfera. O princípio antropocêntrico, portanto, é um bumerangue que, orientando a Ciência ao longo dos séculos, levou ao desconhecimento e ao risco à destruição.

Igualmente, a ênfase à materialidade se constituiu em armadilha de consequências dramáticas. Na tentativa de garantir certezas, da suposta segurança do método, na ilusão de apreensão nítida, com clareza cartesiana, dos elementos constituintes da matéria dos fenômenos, houve o abandono de dimensões do invisível, do ínfimo, do sutil universo de partículas subatômicas, dos seres que 'não se pode pegar', apreender, prender, aprisionar, dominar, como os vírus, por exemplo. Nesse sentido, o princípio da incerteza, como enunciado da mecânica quântica, proposto por Werner Heisenberg, em 1927, representa um fato marcante. Segundo esse princípio, há um limite na precisão com que certos pares de propriedades de uma dada partícula física, conhecidas como variáveis complementares (tais como posição e momento linear). Heisenberg afirma que, em nível quântico, quanto menor for a incerteza na medida da posição de uma partícula, maior será a

incerteza de seu momento linear e vice-versa. A condição minúscula, ínfima, do universo viral tem nos ensinado a conviver com a incerteza como uma constante, a ser experimentada todos os dias, nas múltiplas situações cotidianas.(Capra, 1991)

Também se percebe, como sinalizador, a evidência da condição de complexidade sistêmica, eu prefiro chamar de ecossistêmica, ou, mais, de trama ecossistêmica complexa caosmótica – de caos, osmose, no cosmo -, na constituição dos fenômenos. Nesse sentido, estamos diante da vivência pandêmica de conexões transdisciplinares e holísticas. Dizendo de outro modo, não há como compreender o episódio Pandemia causada pelo novo coronavírus, do ponto de vista do Turismo, da Comunicação ou da Subjetividade. Tampouco é suficiente a área médica, biológica, epidemiológica. A Química, a Física, enfim, todas os campos ou as áreas científicas, como platôs isolados, são insuficientes. É preciso compreender que se está diante da evidência de um fenômeno de alta complexidade, de níveis e processos envolvendo dimensões subatômicas, com efeitos em larga escala e velocidade.

As consequências atingem não só todo e qualquer nível de materialidade, em escala planetária, mas também e principalmente, complexos maquinismos abstratos de fluxos e dimensões intensas e sutis, pouco compreendidos, no engendramento de campos e universos de conformação existenciais. Isso nos faz entender o que vem sendo conhecido como efeito borboleta, na sinalização das conexões profundas do planeta e do universo. Trata-se de um efeito inerente à Teoria do Caos, que foi analisado pela primeira vez em 1963 por Edward Lorenz. Diz respeito à dependência sensível às condições iniciais dentro da teoria do caos. É razoavelmente conhecida com a ideia de que o bater de asas de uma borboleta, em uma região do planeta, poderia provocar alterações em cadeia, que, talvez, venha a ocasionar grandes manifestações físicas do outro lado do mundo, um tufão, uma tempestade. Enfim, o certo é que percebemos, a custo de muitos milhares de vida que não há fronteiras, que não há o 'lá e o aqui', que a divisão de estados nacionais foi também um fracionamento estratégico, mas ilusório, por parte da humanidade, assim como a organização do tempo, em segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses e assim por diante. O tempo dos olhos na janela, que vivemos durante a pandemia do Covid-19, nos ensina que estamos longe, estamos perto, que a intensidade é mais importante que a medida das horas, que realmente, tudo é relativo e incerto. Isso, claro, altera a visão de mundo, o modo de viver, de pensar, de amar, no sentido de sobrevivência do planeta e dos seres todos, dos seres que (ainda) 'estamos aqui' - pelo menos deveria alterar.

CONEXÕES COM A TRAMA DE ECOSISTEMAS TURÍSTICO-COMUNICACIONAIS-SUBJETIVOS

As proposições aqui apresentadas, como conexões e implicações para a trama de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos demandam alguns operadores conceituais preliminares, em função da singularidade e complexidade da abordagem. Trata-se, então, de explicitar uma espécie de desdobramento do enunciado da trama, no seu percurso. Trama é uma palavra-síntese, expressão de pressupostos de complexidade e entrelaçamento, que transversaliza meus estudos, desde o Mestrado, pesquisa da qual resultou o livro: Comunicação: Trama de Desejos e Espelhos (Baptista, 1996). Ali, já estava sinalizada a ideia de trama, como complexo enredamento de feixes múltiplos entrelaçados, em movimento, em direção ao Outro, em processos de desterritorialização. Nesta pesquisa, eu já propunha que a comunicação, na sua complexidade, implica em processos de

interação de sujeitos, que, como campo de forças e corpos estelares, ao se encontrarem se transformam, se reinventam, se autopoietizam. Mais tarde, durante pesquisa para o doutoramento, cunhei o conceito de comunicação-trama, mais detidamente, que ficou assim estabelecido:

Comunicação é interação de sujeitos, através do fluxo de informações entre eles, numa espécie de trama-teia complexa, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorporais, significantes e a-significantes, podendo ser ou não mediada por dispositivos tecnológicos, na constituição de algo como um campo de força de encontro de energias, decorrente dos universos de referência de cada sujeito envolvido. Quer dizer, encontro de universos de sujeito, universos subjetivos. (Baptista, 2000, p.33-34).

A proposição trama remete, portanto, à dimensão complexa, tendo como fios constituidores um conjunto de teorias de autores contemporâneos. Essa proposição foi, aos poucos, se constituindo, para mim, um sinalizador interpretativo, uma matriz relacionada aos pressupostos epistemológico-teóricos da perspectiva transdisciplinar, de religação de saberes.

Já a noção de ecossistema representa uma proposição conceitual em sentido amplo, diretamente relacionada à dimensão trama. Decorre dos estudos baseados em Fritjof Capra, em textos basilares como *O Ponto de Mutação* (1991), *Teia da Vida* (1997), especialmente, mas também em James Lovelock (1991), com *As Eras de Gaia* e a noção de ecossistema vinculada à de *Ecologia Profunda*¹. Também se relaciona com a aproximação com a Amazônia desde 2010, especialmente com o conceito de *Ecossistemas Comunicacionais*, de Gilson Monteiro (2011), também na perspectiva de Colferai (2014).

Nesse sentido, ecossistema comunicativo, turístico e subjetivo está sendo compreendido a partir da descentralização de vozes, da dialogicidade de fatores bióticos e abióticos, em um processo de interação. As relações devem buscar equilíbrio fluente e harmonia, em ambientes onde convivem diferentes atores. Assim, não é apenas no mundo natural ou no tecnológico que atua o ecossistema comunicativo, turístico e subjetivo, mas em todas as esferas dessas áreas.

Emerge desta perspectiva o conceito de trama ecossistêmica turística e do turismo, em si, com o qual trabalhamos no Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. Consideramos que se tratam de processos complexos de desterritorializações desejantes, envolvendo o acionamento e entrelaçamentos de diferentes ecossistemas. Nesses processos, o sujeito que se desloca é também sujeito de transposições e transversalizações ecossistêmicas, que agencia a movimentação e conexão de mundos, de universos de significações, de referências, de produção e consumo. Desse modo, o sujeito-trama do turismo aciona uma teia de materialidades e imaterialidades, desde as potentes tramas econômico-político-sociais-culturais e de prestação de serviços, até os subjacentes fluxos de energias das partículas, de acionamento quântico, que atingem também os níveis de afetos. Com o turismo, tudo se movimenta e se transforma, ao mesmo tempo que o movimento de desterritorialização, em si, autopoietiza (reinventa) sujeitos e lugares, das dimensões ecossistêmicas envolvidas.

Ocorre, contudo, que essa trama ecossistêmica turística tem se produzido no contraponto entre: as perspectivas desenvolvimentistas do setor, com a inerente crítica de turistificação; os paradigmas de sustentabilidade e ecoeficiência; e a emergência de discussão de justiça ambiental, responsabilidade ecossistêmica e amorosidade. Exatamente nesse ponto a discussão da ocorrência da Pandemia do Covid-19 pode ser entendida como um desafio e oportunidade de ampliação de consciência, no sentido de reinvenção dos ecossistemas turísticos-comunicacionais-subjetivos. Reinvenção, no sentido que venho propondo no Amorcomtur, a partir de várias pesquisas, como o 'Averso do Turismo', o outro lado da trama, de onde se percebem as costuras, as amarrações, também as consistências, os fios soltos, o que também inspira cuidado.

A discussão do 'averso' se vincula à de necessidade de responsabilidade e comprometimentos com os processos, em um movimento de ampliação de consciência e afetos, no sentido de uma ética ecossistêmica. Ao longo do último século, consolidaram-se processos de desenvolvimento, de suposta evolução, que levariam a humanidade e o planeta para o progresso. Do lado visível, o da frente da trama produtiva em geral, parecia que a associação entre Ciência e Tecnologia, financiada pelo poder do capital, poderia resolver qualquer problema que surgisse. Especialmente na segunda metade do século passado, no entanto, o gigantismo e a velocidade de crescimento de desenvolvimento e implantação dos grandes conglomerados do sistema de produção começaram a emitir sinais de alerta dos riscos, do que eu venho chamando do 'risco-planeta'. Assim, pressionado pelas evidências de risco ambiental, por exemplo, pela emergência de organizações não governamentais, em todos os níveis, inclusive internacionais, discursos como o de qualidade total, ecoeficiência, sustentabilidade começaram a emergir. Em paralelo, no setor empresarial, das organizações, começou-se a perceber a necessidade de desenvolvimento e implementação de projetos de responsabilidade social, como forma também de garantir a sustentabilidade. Tenho proposto, nos últimos anos, a discussão no viés ampliado, no sentido de responsabilidade ecossistêmica, para que, já na denominação, esteja explícita a visão holística, de demanda de comprometimento com o ecossistema todo, deslocando da dimensão social, para a de ecossistema, no sentido de conjuntos de coletivos de enredamentos e fluxos, conforme a ecologia profunda.

Essa discussão de responsabilidade ecossistêmica está vinculada ao eu venho sintetizando na hashtag "#PorUmMundoMaisAmoroso! – considerando amorosidade, como ética da relação e do cuidado, sob a inspiração dos estudos da Escuela Matriztica de Santiago, especialmente em Humberto Maturana (1997, 1998). São proposições em conexão com cientistas de várias áreas, em perspectiva portanto, totalmente transdisciplinar, que ajudam a compreender e a refletir sobre o contexto atual, em que a mega estrutura da trama ecossistêmica-turístico-comunicacional-subjetiva foi abalada, pela emergência do novo coronavírus, que atingiu o nível de pandemia.

Para compreender as implicações, é preciso refletir, a partir da compreensão de que essa trama não existe isolada, mas faz parte de processos mais amplos, de fluxos e tramas ecossistêmicas, em escala planetária, envolvendo dimensões econômicas, políticas, sociais, tecnológicas, culturais, religiosas e, claro, científicas. Nesse sentido, depara-se, portanto, com os desafios em nível 'planeta', ou seja, enfrentados por Gaia, para lembrar o cientista inglês James Lovelock (1991), interlocutor importante, quando me refiro à responsabilidade ecossistêmica. Esse autor propõe a Teoria de Gaia ou hipótese de Gaia, a partir da qual

entende que a terra é um ser vivo, capaz de se auto-organizar, regenerar, cuidar, com níveis de consciência e de interações, em que transitam e sobrevivem todos os seres que aqui vivem. A teoria Gaia foi proposta na década de 1970, a partir de estudos realizados no começo da década de 1960 para a NASA, com o objetivo de detectar vida em outros planetas, especialmente em Marte.

Assim, pelo que se percebe, nesses tempos da pandemia Covid-19, deparamo-nos com um forte acionamento do sistema de alarme desse ser vivo, em busca de se proteger das ameaças. Trata-se, portanto, ao que parece, de uma espécie de rebote, na busca pela sobrevivência, por parte do próprio planeta. Como tramas processuais ecossistêmicas, turismo e comunicação, vinham se desenvolvendo em nível exponencial, com a consolidação de grandes conglomerados e a constituição de fluxos e processos potentes em ação, facilitados e apoiados pelo desenvolvimento de tecnologias avançadas. Os dois campos de produção vincularam-se fortemente ao sistema de produção geral, com ênfase no capital, atrelando-se à lógica de idolatria capitalística, que vem caracterizando o que Guattari (1992), com Deleuze (1995) e com Rolnik (1986) chamaram de capitalismo mundial integrado e Harvey refere como capitalismo por expolição. “Perdemos a compreensão instintiva do que é a vida e qual é o nosso lugar em Gaia. As nossas tentativas de definir a vida estão na mesma fase da caminhada do bêbado”, afirma Lovelock (1991, p.200). A referência à caminhada do bêbado é interessante, quando ele comenta a oscilação entre o paradigma da Ciência Clássica, cujo baluarte é a Física Mecânica, e a visão Holística, com a emergência dos conhecimentos da Física Quântica. Também me faz lembrar a perspectiva da abordagem de Mlodinow (2009), com o interessante livro “O Andar do Bêbado”, em que ele retoma conhecimentos transdisciplinares, para referir, em síntese, que, se existe instabilidade e incerteza nos movimentos, há também pistas para a uma direcionalidade, uma inflexão, que pode ser conhecida a partir de estudos profundos.

Penso, nesse sentido, que é fundamental dar ênfase a destaques de Lovelock e Capra, por exemplo, quando admitem também a importância dos conhecimentos da Ciência Clássica, por óbvio, relatando, em diferentes momentos de seus textos, que não se trata de negar o conhecimento produzido e o quanto esses saberes contribuíram para a ampliação da Ciência e o desenvolvimento de aparatos tecnológicos que ajudaram a humanidade a sobreviver. A questão é que a lógica evolucionista eufórica em relação à Revolução Científica precisa ser questionada, assim como a euforia desenvolvimentista produtivista vinculada estritamente ao capital, seja no Turismo ou na Comunicação ou na Ciência. A questão do progresso ou da inovação, por si só, sem crítica, que se propõe existir a todo custo, a qualquer preço, levanta um questionamento ético fundamental, que, conforme destaquei anteriormente, eu venho resumindo na pergunta: “Contra quem (tudo isso é produzido, inventado, criado)?”.

Um exemplo clássico, na Ciência, nesse sentido, é o do físico alemão Albert Einstein, que era um pacifista, mas teve sua imagem associada à bomba atômica, por causa de suas descobertas e, em especial de uma carta que ele escreveu em 1939, ao presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, alertando para a possibilidade de construção da bomba atômica. A carta tinha como proposta chamar a atenção para o fato de que existia essa possibilidade e que a Alemanha detinha o conhecimento para desenvolver esse tipo de tecnologia, o que significava uma grande ameaça, no contexto da Segunda Guerra Mundial. Interessante, nesse sentido, as explicações de Francisco Caruso, do Instituto de Física da

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), assim como de outros estudiosos, referindo que o desenvolvimento da bomba atômica só foi possível depois da compreensão de que massa e energia se relacionam, através da fórmula de Einstein – fórmula da Física: $E = mc^2$, na qual a energia (E) é igual a massa (m) vezes a velocidade da luz (c) ao quadrado. Embora a intenção de Einstein fosse alertar sobre os riscos, o presidente norte-americano decidiu constituir uma comissão, na época chamada de Comissão Manhattan, para colocar em prática a produção da bomba. Einstein não participou da comissão. Pelos registros existentes, ele não era considerado adequado ao projeto, porque era contrário aos interesses utilitaristas do governo norte-americano. Isso mostra que os rumos de uma descoberta muitas vezes saem do controle de quem a realizou, assim como que a ética precisa ser sempre presente, nas discussões científicas e nos processos de conhecimento, sob pena de nossos conhecimentos serem utilizados para interesses escusos, ainda que revestidos por belos discursos.

Assim, compreende-se a forte conexão entre o ecossistema econômico e político, na composição da complexa trama de poder, que força o direcionamento da grande 'máquina de produção', também científica, conforme suas premissas, pressupostos e interesses. É o que se verifica em todas as áreas - também nesses campos, a que venho me referindo, especialmente - Ciência, Turismo, Comunicação, Subjetividade - como ecossistemas complexos, com entrelaçamentos fortes e diretos com sistemas mais amplos de outras tramas ecossistêmicas.

Nesta reflexão, observo que o desenvolvimento exacerbado gerou processos que podemos referir como de adoecimento coletivo e planetário. Tanto o ecossistema turístico quanto o comunicacional e, por decorrência, o subjetivo – a trama de sujeitos – vinha sendo já amplamente questionado. No caso do turismo, por exemplo, expressões como turistificação, turismofobia, demonstravam profundos embates e confrontos de interesses. Assim, em muitos casos, desenvolver o turismo, investir e produzir conhecimento que levasse a isso parecia estar contribuindo para uma engrenagem mecânica, que não necessariamente gerava o bem coletivo, da horda de turistas que se ampliava cotidianamente ou das populações originárias das destinações turísticas. O benefício era menos ainda presumido, quando se pensava em meio ambiente, em uma noção de ecossistema mais amplo. A legião de turistas movimentava um vultoso capital, colocava em ação uma grande engrenagem mecânica de deslocamentos, envolvendo produtos, serviços, trabalho, mas, no fundo de estudos mais recentes, em uma perspectiva mais fenomenológica, parecia começar a ressoar a pergunta: “pra quê?”, numa versão do outro questionamento: “contra quem?”. Vale muito, aqui, refletir a partir da letra da canção, bastante conhecida no Brasil, na voz do grupo MPB4.

Pois É, Pra Quê?ⁱⁱ
Sidney Miller

O automóvel corre, a lembrança morre
O suor escorre e molha a calçada
Há verdade na rua, há verdade no povo
A mulher toda nua, mais nada de novo
A revolta latente que ninguém vê

E nem sabe se sente, pois é, pra quê?

O imposto, a conta, o bazar barato
O relógio aponta o momento exato
da morte incerta, a gravata enforca
o sapato aperta, o país exporta
E na minha porta, ninguém quer ver
Uma sombra morta, pois é, pra quê?

Que rapaz é esse, que estranho canto
Seu rosto é santo, seu canto é tudo
Saiu do nada, da dor fingida
desceu a estrada, subiu na vida
A menina aflita ele não quer ver
A guitarra excita, pois é, pra quê?

A fome, a doença, o esporte, a gincana
A praia compensa o trabalho, a semana
O chope, o cinema, o amor que atenua
O tiro no peito, o sangue na rua
A fome a doença, não sei mais porque
Que noite, que lua, meu bem, prá quê ?

O patrão sustenta o café, o almoço
O jornal comenta, um rapaz tão moço
O calor aumenta, a família cresce
O cientista inventa uma flor que parece
A razão mais segura pra ninguém saber
De outra flor que tortura, pois é prá quê?

No fim do mundo há um tesouro
Quem for primeiro carrega o ouro
A vida passa no meu cigarro
Quem tem mais pressa que arranje um carro
Prá andar ligeiro, sem ter porque
Sem ter prá onde, pois é, prá quê?

TEMPO DE OLHOS NA JANELA

Se, como eu disse no título deste texto, ‘Stamos em pleno mar!’”, quem está em melhores condições foi levado à condição de ‘olhos na janela’. Da janela da embarcação, da escotilha de nossas casas, assistimos, até certo ponto atônitos, à transmutação do mundo que conhecemos, do mundo do turismo, da comunicação, da ciência, das relações, enfim, de muitos mundos. Julho de 2020. Ainda ‘stamos em pleno mar’ dos acontecimentos. As reflexões nos jogam para trás e, em certa medida, temos ir para a frente. Não sabemos o que está à frente. Como diz outra canção: “Como será amanhã? Responda quem puder (Por favor)”ⁱⁱⁱ.

Em meio à luta por me manter viva, firme e em movimento, ao mesmo tempo, trago como desfecho desta reflexão, a expressão: “Olhos na janela”. Esta expressão também acompanha meus pensamentos há muitos anos, por motivos vários. Agora, ela faz ainda mais sentido. A humanidade foi convidada a passar bastante tempo vendo a vida, a partir da experiência que eu estou chamando de ‘olhos na janela’. A vida vista pela escotilha desta grande embarcação sem rumo. Ao que parece, estamos à deriva, especialmente no Brasil. Retomo aqui, por oportuna, a fala de Saramago (1995, p. 244):

[...] encontramos-nos no caos, o caos autêntico deve ser isto. Haverá um governo, disse o primeiro cego, Não creio, mas, no caso de o haver, será um governo de cegos a quererem governar cegos, isto é, o nada a pretender organizar o nada. Então não há futuro, disse o velho da venda preta, Não sei se haverá futuro, do que agora se trata é de saber como poderemos viver neste presente, Sem futuro, o presente não serve para nada, é como se não existisse, Pode ser que a humanidade venha a conseguir viver sem olhos, mas então deixará de ser humanidade, o resultado está à vista, qual de nós se considerará ainda tão humano quanto antes cria..[...]. Regressamos à horda primitiva, disse o velho da venda preta, com a diferença de que não somos uns quantos milhares de homens e mulheres numa natureza imensa, intacta, mas milhares de milhões num mundo descarnado e exaurido.

Da janela, olhares ávidos por um pouco de sol, que possa alegrar o dia e recompor as vitaminas perdidas, nos tempos de outros enclausuramentos. Olhares também convidados a focar o ‘dentro’ de cada um, das nossas casas, das nossas famílias, das relações mais próximas. Disse Leonardo da Vinci: “Não vês que o olho abraça a beleza do mundo inteiro? [...] É janela do corpo humano por onde a alma especula e frui a beleza do mundo [...]!” (apud Chauí, 1988, p.31). Daí também temos a grandiosidade do momento. Olhos da janela indicam que, se ‘stamos em pleno mar’, somos também chamados à condição limite entre vida e alma, entre vida e morte. Estamos também com os olhos na janela da vida, prontos para partir para outra dimensão, passando pela experiência da Morte. A Morte nunca esteve não próxima, tão solta, tão viajante. Tomou conta de todos os espaços, dos aeroportos, das embarcações e meios de transporte. A morte não precisa de passaporte. Impetuosa e agressiva, em certo sentido, a Morte rastreou velozmente o Planeta, sem que pudesse ser contida, em um primeiro momento, até o momento. Não se sabe se um dia será...

Neste julho de 2020, alguns países dão sinais de sobrevivência, outros de reincidência. O Brasil parece ter índices baixíssimos de sinais vitais. Muito do país morreu, nestes últimos três meses. Foram milhares de seres humanos falecidos, mas é possível perceber o colapso de um projeto de nação. As mortes não são números, como vem sendo repetido pelos meios de comunicação. Cada falecimento arrasta consigo uma trama de vidas que permanecem em dor, ampla geral e irrestrita. A sensação é de desamparo coletivo, ainda que haja segmentos negacionistas, de expressões exacerbadas da falência de sentidos e sentimentos, na humanidade. Há, neste cenário, mais incertezas que certezas. Analistas diariamente prometem o que não podem oferecer: a compreensão do futuro. Neste sentido, deixo claro, não penso que exista qualquer chance de compreender o que vivemos, se não recuarmos um pouco no tempo e não entendermos como se formou o vírus, não necessariamente o Covid-19. O vírus de uma civilização em profunda crise. Foi o que procurei fazer neste texto. No meu entendimento, o que vivemos hoje é a expressão de uma grande onda de adoecimento coletivo, em que, lamento dizer, a humanidade não deu

certo! O antropocentrismo também não. Vamos ter que reaprender a sermos humanos, em sentido pleno e em sintonia com o ecossistema - ou isso, ou nada. Ponto final.

REFERÊNCIAS

Baptista, M. L. C. (2000). O sujeito da escrita e a trama comunicacional. Um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporânea. 2000. 440. fls. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

Baptista, M. L. C. (1996). Comunicação: Trama de Desejos e Espelhos. Canoas: ULBRA.
Capra, F. (1990). O Tao da Física. Um Paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental. 11. ed. São Paulo: Cultrix.

Capra, F. (1991). O Ponto de Mutação. A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente. 12 ed. São Paulo: Cultrix.

Capra, F. (1997). A Teia da Vida. Uma Nova Compreensão dos Sistemas Vivos. 9. ed. São Paulo: Cultrix.

Chauí, M. (1991) Janela da Alma. In: Novaes, A. et.al. O Olhar. São Paulo: Companhia das Letras.

Colferai, S. (2014). Um Jeito Amazônida de ser Mundo A Amazônia como Metáfora do Ecossistema Comunicacional: Uma Leitura do Conceito a Partir da Região. (Tese de doutoramento). Universidade Federal Do Amazonas-UFAM Instituto de Ciências Humanas e Sociais-ICHL .Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia-PPGSCA.

Crema, R. (1989). Introdução à Visão Holística. Breve Relato de Viagem do Velho ao Novo Paradigma. São Paulo: Summus.

Debray, R. (1993). Curso de Midiologia Geral. Petrópolis, RJ: Vozes.

Deleuze, Gilles. (1991). A Dobra: Leibniz e o Barroco. Campinas, SP. Papyrus.

Deleuze, G.; Guattari, F.. (1995). Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34.

Guattari, F. (1981). As três ecologias. 3 ed. Campinas: Papyrus.

Guattari, F. (1987). Revolução molecular. Pulsações Políticas do Desejo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense.

Guattari, F. (1988). O inconsciente maquínico. Campinas: Papyrus.

Guattari, F. (1990). Linguagem, consciência e sociedade. In: Lancetti, Antonio. Saúde Loucura, número 2. 3 ed. São Paulo: Hucitec.

Guattari, F. (1992). Caosmose. Um Novo Paradigma Ético-Estético. Rio de Janeiro: Ed. 34.
Guattari, F. & Rolnik, S. (1986). Micropolítica: Cartografias do desejo. 2. ed. Petrópolis: Vozes.

Harvey, D. (2005). O novo imperialismo. 2ed. São Paulo: Loyola.

Lovelock, J. (1991). As Eras de Gaia. A Biografia da Nossa Terra Viva. Editora Campus. James Lovelock.

Maturana, R.H. (1998). Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: UFMG.

Maturana R. H.; VARELA G., F. J. (1997). De máquinas e seres vivos: autopoiese e a organização do vivo. 3ª ed., Porto Alegre, Artes Médicas.

Mlodinow, Leonard. (2009). O andar do bêbado: como o acaso determina nossas vidas. Rio de Janeiro: Zahar.

Monteiro, G.V., Abbud, M.E de O.P & Pereira, M.F. (orgs.). (2011). Estudos e Perspectivas dos Ecossistemas na Comunicação. Manaus: Edua.

Morin, E. (1986). Para sair do século XX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Morin, E. (1991). Introdução ao pensamento complexo. São Paulo: Instituto Piaget.

Morin, E. (1993). O pensamento em ruínas. In. A decadência do futuro e a construção do presente. Florianópolis: UFSC.

Morin, E. (1998). O método 4. As idéias, habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina.

Prigogine, I. (2000). Carta para as futuras gerações, Caderno Mais!, Folha de São Paulo, 30 jan. 2000.

Prigogine, I. (2001). Ciência razão e paixão. In: Carvalho, E. A.; Almeida, M. C. (Orgs). (E. A. Carvalho; Isa Hetzel, Trad). Belém, Pará: Eduepa.

Santos, B. de S. (2009). Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina.

Santos, B. de S.. (2002). Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Santos, B. de S. (1997). Um discurso sobre as ciências. 2. ed. Porto/Portugal: Afrontamento.

Santos, B. de S. (1990). Introdução a uma Ciência Pós-Moderna. 2. ed. Porto/Portugal: Afrontamento.

Saramago, José. (1995). Ensaio sobre a Cegueira. São Paulo: Companhia das Letras.

Recebido em: 07/07/2020 - Aprovado em: 08/07/2020

ⁱ O início da década de 1970, o filósofo norueguês Arne Naess, fez a distinção entre ecologia rasa e ecologia profunda. Capra (teia da vida) aborda a distinção: “A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza [...]” “A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular da teia da vida”.

ⁱⁱ SIDNEY MILLER. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/sidney-miller/386827/>.

ⁱⁱⁱ SIMONE. O Amanhã. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/simone/83043/>. Acesso em: 30 de junho.